

O Pacto no contexto das universidades

Por Ana Carolina Marques Lage e Thaisne Bueno

Ao longo de 2013, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa tomou uma cara própria em cada região do país. Universidades locais assumiram, em cada estado, a formação dos orientadores de estudo, contando com bastante autonomia nesse processo. Para falar da participação das universidades no programa, o jornal *Letra A* conversou com três coordenadoras do Pacto em suas instituições: Elaine Constant Pereira de Souza, da Universidade Federal do Rio Janeiro (UFRJ), Isabel Cristina Alves da Silva Frade, da UFMG, e Leila Chalub-Martins, da Universidade de Brasília (UnB). Nessa entrevista coletiva, elas discutem e avaliam o primeiro ano do PNAIC e seus possíveis desdobramentos para a educação básica no país.

De que forma o Pacto se distancia e de que forma se aproxima de outras políticas públicas relacionadas à alfabetização?

ELAINE CONSTANT

Há duas coisas importantes: primeiro, essa política se distancia quando ganha o benefício da bolsa. A bolsa ajuda bastante o professorado, porque mostra a valorização do que ele faz. Além disso, diferentemente de outros programas, com o Pacto as universidades conquistaram diálogo com o MEC e, embora tenhamos tido orientações gerais, cada região foi dando suas características ao programa, levando em conta especificidades locais. O Pacto tornou-se mais independente do material proposto pelo MEC, que é utilizado e trabalhado, mas as universidades procuraram autonomia para dar a cara da região e dos professores locais.

ISABEL FRADE

Não se pode dizer que não havia iniciativas públicas para formar professores alfabetizadores. Num formato não tão orgânico, havia minicursos, conferências, e a Rede Nacional de Formação Continuada produziu materiais específicos. O Pacto se aproxima da última política direcionada a alfabetizadores, o Pró-Letramento, que teve um modelo parecido, trabalhando com um orientador que ia formar os seus colegas. A diferença é que o Pacto está atingindo a maior parte dos alfabetizadores dos municípios que fizeram adesão. O Pró-Letramento era por amostragem, não pretendia chegar a todas as salas de aula do Brasil. Existe uma linha de continuidade também em relação à proposta de conteúdo, porque o material do Pró-Letramento tentou contribuir para o diagnóstico da alfabetização, apresentando capacidades que os alunos deveriam atingir até o final do terceiro ano. No Pacto, há efeitos diferenciados, relacionados ao conteúdo da formação do professor, uma vez que o material dos cadernos é bastante relacionado aos direitos de aprendizagem. Portanto, o material do Pacto acaba sendo quase um currículo de alfabetização nacional, na ausência de outro material. Além disso, o Pacto integra mais as políticas de alfabetização.

ELAINE CONSTANT PEREIRA DE SOUZA
Professora e coordenadora do PNAIC na UFRJ, pesquisadora do Núcleo de Estudos do Currículo (NEC)



ISABEL CRISTINA FRADE
Professora e coordenadora do PNAIC na UFMG, pesquisadora e diretora do Caele



LEILA CHALUB-MARTINS
Professora e coordenadora do PNAIC na UnB, pesquisadora do Laboratório da Complexidade

LEILA CHALUB

No entendimento da UnB, o Pacto avança em relação às outras políticas – especialmente quanto ao Pró-Letramento – no sentido da inclusão de duas áreas que não estavam sendo tratadas diretamente: a educação no campo e a educação inclusiva. Há uma expectativa por parte do Pacto de que o trabalho seja, na verdade, o retrato do acúmulo de experiência e massa crítica que essas outras políticas provocaram. Mas, se formos atentar diretamente aos documentos, vemos que existem algumas lacunas, corrigidas pela própria experiência dos formadores e coordenadores, que estão fazendo essa experiência valer de fato.

Como avaliam a participação das universidades nesse programa?

ISABEL FRADE

Acho que o impacto nas universidades que não estavam voltadas para a formação é muito grande, pois não dá mais para ignorar a demanda quando se trabalha com formação continuada. É importantíssimo garantir esse direito, e as prefeituras dos municípios continuam, depois dos cursos, demandando formação. As universidades acabaram tendo que criar competências para trabalhar com o Pacto.

Além disso, as universidades não são simples executoras do projeto do MEC, porque cada uma entra com suas pesquisas, com suas críticas para melhoria e alteração de rumo do projeto. Acho que o Brasil inteiro está se movimentando para além do material que foi feito – que é de qualidade – para ampliar e aprofundar em áreas em que a universidade tem tradição. Não se pode dizer que o Pacto é igual no Brasil inteiro. Ele depende de como cada universidade trabalha o que foi pensado inicialmente.

ELAINE CONSTANT

As universidades estão muito unidas. Foi estabelecido um Fórum para observar o andamento do Pacto, em que há a presença praticamente integral de todas as 38 universidades participantes. Ou seja, independentemente do MEC, as universidades estão tentando intervir para não perder o que chamamos de autonomia universitária.

LEILA CHALUB

Há uma característica muito interessante: cada estado, com suas universidades, está assumindo diretamente a execução dessa política. Em 2013, somente a UFPE e a UnB estavam ligadas a outro estado que não o seu. E as universidades estão claramente valorizando bastante a constituição da comissão coordenadora de

cada estado. Nós temos um comitê local de organização e de gestão do trabalho que demora a acontecer. Em 2013, basicamente duas universidades tiveram esse comitê atuante. No Distrito Federal, estamos consolidando agora a formação desse comitê, com a participação de setores da Secretaria de Educação, da universidade, do conselho de educação e da sociedade.

Acredito que esse comitê de gestão vai poder, de fato, lidar diretamente com algumas omissões que aconteceram no ano passado. Tivemos um atraso muito significativo na produção do material; tivemos também uma dificuldade muito grande por parte das prefeituras, especialmente no Tocantins, em apoiar os professores no seu deslocamento para o processo de formação, e isso prejudicou demais. A partir de agora, acredito que tenhamos meios de contornar esses problemas mais diretamente, sem envolver o MEC, com uma autonomia de gestão muito maior.

Como avaliam esse primeiro ano de Pacto?

LEILA CHALUB

O primeiro ano do Pacto começou de forma muito atribulada. Tivemos situações extremas, como o atraso na distribuição do material, sendo que em julho ainda não o tínhamos recebido, e os professores ficaram muito irritados com isso. Mas o que foi interessante é que, ao longo do ano, essas críticas, essas dificuldades, essa irritação foram se arrefecendo, e nós tivemos condição de chegar ao seminário final com um nível de satisfação bastante interessante. Não há nada extraordinário, mas é uma mudança de tom importante do início do ano para agora. Ainda são resultados muito preliminares. Estamos bem distantes de apurar o que de fato vai decorrer dessa política.

ISABEL FRADE

Geralmente não tendo a pensar que os efeitos de uma formação sejam imediatos. Acho que existem vários níveis de apropriação de conhecimentos. Às vezes, o professor se apropria do conhecimento na ordem do pessoal, do crescimento literário,

ou no aprofundamento em algum tema que ele esteja estudando, mas nem sempre há repercussão direta na sala de aula. Mas como o Pacto está muito ligado às ações que o alfabetizador tem que desenvolver na sala de aula para aplicar os conhecimentos, inclusive trabalhar com os acervos, todos os professores que fazem parte montaram suas salas de leitura e tiveram que postar isso numa plataforma, demonstrando o que realmente implementaram. Esse monitoramento da formação no momento em que ela está ocorrendo, com os relatos de experiência, tende a ser mais orgânico no sentido dos resultados, considerando ainda que a articulação com as outras políticas é maior. Penso que a tendência é que esse clima coletivo crie mais condição de o professor ser reconhecido e ter o amparo dos colegas, porque muitas vezes o professor faz uma formação, chega à escola e não tem aquele clima da gestão e dos colegas para acompanhar as mudanças. Não que eu acredite que só a participação de todos resolva a questão, é preciso ter qualidade de formação, é preciso entender o ponto de vista do professor, falar a linguagem dele para produzir melhores efeitos.

ELAINE CONSTANT

A parte pedagógica foi muito boa. A universidade começou a olhar também para a alfabetização, e aumento o diálogo com as cidades, que historicamente é difícil; o professor sempre vê a universidade com certo distanciamento, já que recebe uma teoria pronta que não dá conta da sala de aula. A escola e a universidade se aproximaram, e isso pedagogicamente foi um grande ganho para a universidade se reaproximar da alfabetização.

Administrativamente, há muitos problemas, como o atraso das bolsas. A estruturação do Pacto ainda é muito difícil, porque não há uma estrutura nas cidades para fazer cursos de formação. Tudo está acontecendo em escolas emprestadas, muitas vezes, privadas. Muitas vezes, o tempo é iníbil: para algumas prefeituras, não é vantajoso que o professor fique três dias ausente de sua sala de aula, já que não há substitutos. Estamos, pedagogicamente, um sucesso, mas administrativamente estamos nos aperfeiçoando.

Quais são os principais desafios e conquistas do Pacto?

ISABEL FRADE

O desafio é criar uma cultura de formação para que os municípios consigam prosseguir depois que o Pacto encerrar suas ações específicas. Quando ele acabar, será que vai ser necessária outra política nacional? Ou os municípios vão dar conta de eles mesmos promoverem suas ações de formação? Seria positivo que se instaurasse nos gestores e nas escolas a ideia de formação como um direito do professor, e que isso tem que constar na carga horária dele. Nós temos atualmente orientadores de estudo que têm que fazer hora extra, trabalhar em fim de semana.

Por outro lado, temos o fato de que os professores agora conhecem as outras políticas e sabem criticá-las e potencializá-las. Antes eles nem sabiam, porque estava tudo disperso. O gestor está na secretaria, recebe um acervo, e nem sabe o que fazer com esse material, que fica parado na biblioteca. É importante perceber que há uma maior sintonia com os anseios, porque a política acaba sendo também uma resposta às demandas das escolas e dos professores. Mas quando elas chegam, parece que vêm de fora. É preciso criar essa sintonia, para que o professor se reconheça nessa política e a política reconheça que tem que ser modificada em função do professor.

LEILA CHALUB

Eu ainda acho que nós estamos devendo algumas coisas, por exemplo, encarar de fato a realidade da maioria das escolas nas regiões Norte e Nordeste: 67% das escolas do Norte e 56% das escolas do Nordeste são rurais, mas a gente ainda lida com essa realidade como se ela fosse uma grande totalidade da mesma coisa.

Outro grande desafio é começar a pensar nessa integração da linguagem com a matemática. A gente não está falando de outra formação, mas de uma continuidade da formação de linguagem e matemática. Então, construir processo interdisciplinar com grupos que historicamente são tão distintos é um grande desafio.

Como avaliam a participação das universidades nesse programa?

ISABEL FRADE

Acho que o impacto nas universidades que não estavam voltadas para a formação é muito grande, pois não dá mais para ignorar a demanda quando se trabalha com formação continuada. É importantíssimo garantir esse direito, e as prefeituras dos municípios continuam, depois dos cursos, demandando formação. As universidades acabaram tendo que criar competências para trabalhar com o Pacto.

Além disso, as universidades não são simples executoras do projeto do MEC, porque cada uma entra com suas pesquisas, com suas críticas para melhoria e alteração de rumo do projeto. Acho que o Brasil inteiro está se movimentando para além do material que foi feito – que é de qualidade – para ampliar e aprofundar em áreas em que a universidade tem tradição. Não se pode dizer que o Pacto é igual no Brasil inteiro. Ele depende de como cada universidade trabalha o que foi pensado inicialmente.

ELAINE CONSTANT

As universidades estão muito unidas. Foi estabelecido um Fórum para observar o andamento do Pacto, em que há a presença praticamente integral de todas as 38 universidades participantes. Ou seja, independentemente do MEC, as universidades estão tentando intervir para não perder o que chamamos de autonomia universitária.

LEILA CHALUB

Há uma característica muito interessante: cada estado, com suas universidades, está assumindo diretamente a execução dessa política. Em 2013, somente a UFPE e a UnB estavam ligadas a outro estado que não o seu. E as universidades estão claramente valorizando bastante a constituição da comissão coordenadora de

cada estado. Nós temos um comitê local de organização e de gestão do trabalho que demora a acontecer. Em 2013, basicamente duas universidades tiveram esse comitê atuante. No Distrito Federal, estamos consolidando agora a formação desse comitê, com a participação de setores da Secretaria de Educação, da universidade, do conselho de educação e da sociedade.

Acredito que esse comitê de gestão vai poder, de fato, lidar diretamente com algumas omissões que aconteceram no ano passado. Tivemos um atraso muito significativo na produção do material; tivemos também uma dificuldade muito grande por parte das prefeituras, especialmente no Tocantins, em apoiar os professores no seu deslocamento para o processo de formação, e isso prejudicou demais. A partir de agora, acredito que tenhamos meios de contornar esses problemas mais diretamente, sem envolver o MEC, com uma autonomia de gestão muito maior.

Como avaliam esse primeiro ano de Pacto?

LEILA CHALUB

O primeiro ano do Pacto começou de forma muito atribulada. Tivemos situações extremas, como o atraso na distribuição do material, sendo que em julho ainda não o tínhamos recebido, e os professores ficaram muito irritados com isso. Mas o que foi interessante é que, ao longo do ano, essas críticas, essas dificuldades, essa irritação foram se arrefecendo, e nós tivemos condição de chegar ao seminário final com um nível de satisfação bastante interessante. Não há nada extraordinário, mas é uma mudança de tom importante do início do ano para agora. Ainda são resultados muito preliminares. Estamos bem distantes de apurar o que de fato vai decorrer dessa política.

ISABEL FRADE

Geralmente não tendo a pensar que os efeitos de uma formação sejam imediatos. Acho que existem vários níveis de apropriação de conhecimentos. Às vezes, o professor se apropria do conhecimento na ordem do pessoal, do crescimento literário,

ou no aprofundamento em algum tema que ele esteja estudando, mas nem sempre há repercussão direta na sala de aula. Mas como o Pacto está muito ligado às ações que o alfabetizador tem que desenvolver na sala de aula para aplicar os conhecimentos, inclusive trabalhar com os acervos, todos os professores que fazem parte montaram suas salas de leitura e tiveram que postar isso numa plataforma, demonstrando o que realmente implementaram. Esse monitoramento da formação no momento em que ela está ocorrendo, com os relatos de experiência, tende a ser mais orgânico no sentido dos resultados, considerando ainda que a articulação com as outras políticas é maior. Penso que a tendência é que esse clima coletivo crie mais condição de o professor ser reconhecido e ter o amparo dos colegas, porque muitas vezes o professor faz uma formação, chega à escola e não tem aquele clima da gestão e dos colegas para acompanhar as mudanças. Não que eu acredite que só a participação de todos resolva a questão, é preciso ter qualidade de formação, é preciso entender o ponto de vista do professor, falar a linguagem dele para produzir melhores efeitos.

ELAINE CONSTANT

A parte pedagógica foi muito boa. A universidade começou a olhar também para a alfabetização, e aumento o diálogo com as cidades, que historicamente é difícil; o professor sempre vê a universidade com certo distanciamento, já que recebe uma teoria pronta que não dá conta da sala de aula. A escola e a universidade se aproximaram, e isso pedagogicamente foi um grande ganho para a universidade se reaproximar da alfabetização.

Administrativamente, há muitos problemas, como o atraso das bolsas. A estruturação do Pacto ainda é muito difícil, porque não há uma estrutura nas cidades para fazer cursos de formação. Tudo está acontecendo em escolas emprestadas, muitas vezes, privadas. Muitas vezes, o tempo é iníbil: para algumas prefeituras, não é vantajoso que o professor fique três dias ausente de sua sala de aula, já que não há substitutos. Estamos, pedagogicamente, um sucesso, mas administrativamente estamos nos aperfeiçoando.

Quais são os principais desafios e conquistas do Pacto?

ISABEL FRADE

O desafio é criar uma cultura de formação para que os municípios consigam prosseguir depois que o Pacto encerrar suas ações específicas. Quando ele acabar, será que vai ser necessária outra política nacional? Ou os municípios vão dar conta de eles mesmos promoverem suas ações de formação? Seria positivo que se instaurasse nos gestores e nas escolas a ideia de formação como um direito do professor, e que isso tem que constar na carga horária dele. Nós temos atualmente orientadores de estudo que têm que fazer hora extra, trabalhar em fim de semana.

Por outro lado, temos o fato de que os professores agora conhecem as outras políticas e sabem criticá-las e potencializá-las. Antes eles nem sabiam, porque estava tudo disperso. O gestor está na secretaria, recebe um acervo, e nem sabe o que fazer com esse material, que fica parado na biblioteca. É importante perceber que há uma maior sintonia com os anseios, porque a política acaba sendo também uma resposta às demandas das escolas e dos professores. Mas quando elas chegam, parece que vêm de fora. É preciso criar essa sintonia, para que o professor se reconheça nessa política e a política reconheça que tem que ser modificada em função do professor.

LEILA CHALUB

Eu ainda acho que nós estamos devendo algumas coisas, por exemplo, encarar de fato a realidade da maioria das escolas nas regiões Norte e Nordeste: 67% das escolas do Norte e 56% das escolas do Nordeste são rurais, mas a gente ainda lida com essa realidade como se ela fosse uma grande totalidade da mesma coisa.

Outro grande desafio é começar a pensar nessa integração da linguagem com a matemática. A gente não está falando de outra formação, mas de uma continuidade da formação de linguagem e matemática. Então, construir processo interdisciplinar com grupos que historicamente são tão distintos é um grande desafio.